



## LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A AÇÃO DO PROFESSOR

STRUGGLES IN SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: REFLECTIONS ON TEACHER'S  
ACTION

Francisco Vieira de Oliveira  
Graduando em Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN-  
CAMEAM-Pau dos Ferros-RN  
[francisco\\_slipknot@hotmail.com](mailto:francisco_slipknot@hotmail.com)

Marcos Cesar Ribeiro da Silva  
Graduando em Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN-  
CAMEAM-Pau dos Ferros-RN  
[garrincha\\_omelhor@hotmail.com](mailto:garrincha_omelhor@hotmail.com)

Dimas Anaximandro da Rocha Morgan  
Docente do curso de Educação Física – CEF/CAMEAM/UERN  
[dimasanxmorgan@gmail.com](mailto:dimasanxmorgan@gmail.com)

### RESUMO

Para começo de nossa reflexão, a violência é, para fins de construção deste artigo, entendida a partir do sentido dado por Abramovay (2002), portanto, como um fenômeno social, que vem se alastrando desde as mais remotas épocas da constituição do nosso país, abrangendo, inclusive as chamadas guerras justas, aquelas proclamadas contra os indígenas que não se convertiam a religião cristã, o que “justificaria” o massacre dessa população. Na lógica apontada pelo autor, é necessário compreender a violência em um sentido amplo e que está disseminado na realidade, deste modo, como uma ação atinge “populações inteiras, seja em âmbito global ou localmente, no público e no privado” (p.13). Partindo dessa compreensão, procurou-se abordar o conteúdo lutas em uma escola da rede pública de ensino, abordagem essa que é resultado de parte das ações pedagógicas do Subprojeto de Educação Física do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN - Campus Avançado prof<sup>a</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia –CAMEAM – Pau dos Ferros – RN, que tem como temática a suplantação de uma prática tradicional de ensino na Educação Física escolar. A intenção era possibilitar a construção de reflexões pelos alunos, a partir da implementação, na Escola Estadual Tarcísio Maia, do município de Pau dos Ferros-RN, dos projetos Projeto Capoeira e a Valorização Da Cultura Afro-brasileira; Projeto Lutas *versus* violência. No trabalho que aqui é colocado em relevo, apresentamos um recorte, no qual visamos discorrer como a ação do professor deve se materializar para permitir a formação de uma consciência reflexiva nos alunos.

**Palavras-chave:** Lutas. Educação Física escolar. Ação docente.

### ABSTRACT

To begin our reflection, violence is, for this article construction purposes, understood from the meaning given by Abramovay (2002), therefore, as a social phenomenon, which has been spreading since the earliest times of the constitution of our country covering, including the so-called just wars, those proclaimed against the Indians who are not converted to the Christian

religion, which "justify" the massacre of this population. In the logic indicated by the author, it is necessary to understand violence in a broad sense and is widespread in reality, therefore, as an action hits "entire populations, whether global or local level, in public and in private" (p.13). Based on this understanding, we tried to approach the content fights at a school public schools, an approach that is the result of part of the educational activities of the Subproject PIBID of Physical Education (Institutional Program Initiation Grant to Teaching) of the University the State of Rio Grande do Norte-UERN - Advanced Campus prof<sup>a</sup> Maria Elisa Albuquerque Maia -CAMEAM - Pau dos Ferros - RN, which has as its theme the supplanting of a traditional practice teaching in Physical Education. The intention was to enable the construction of reflections by students from the implementation in the State School Tarcisio Maia, the municipality of Pau dos Ferros, RN, project Capoeira Project and Valuation Of Afro-Brazilian Culture; Project Fights versus violence. At work here is put in relief, present a cutout, in which we aim to discuss how the teacher's action should materialize to allow the formation of a reflexive consciousness in students.

**Keywords:** Fights. School Physical Education. teaching action.

## INTRODUÇÃO

No prelúdio de nossa reflexão, a violência é para fins de construção deste artigo entendida como um 'fenômeno social, que vem se alastrando desde as mais remotas épocas da constituição do nosso país, e que atinge tanto governos como populações inteiras, seja em âmbito global ou localmente, no público e no privado' (ABRAMOVAY, 2002, p.13).

Com essas considerações, compreendemos que '(...) a violência não mais se restringe a determinados nichos sociais, raciais, econômicos e/ou geográficos, ela abrange e transcende estes contextos chegando então a se se acentuar por gênero, idade, etnia e classe social, independentemente si como vítimas ou como agentes' (ABRAMOVAY, 2002, p.13).

Dito isso, agora nos inclinamos a discutir dentro de uma perspectiva reflexiva alguns pressupostos alienadores que são proclamados em nosso cotidiano, como por exemplo, a tão proclamada frase dita por muitos que: 'o Brasil é um país pacífico'.

Vejamos, temos que pensar, com uma determinada prudência sobre tal pressuposto. Um país que em seu histórico proclamava as *chamadas guerras justas* contra os indígenas, unicamente com o propósito de justificar barbáries que rotineiramente eram cometidas no 'período da colonização, em que aqueles indígenas que não aceitavam deixar suas crenças, cultos, em favor da religião que era proclamada pelos colonizadores europeus, em si tratando de conversão à fé cristã, eram massacrados' (COTRIM, 2005, p.198).

Entretanto, mais pueril é pensar que aqueles indígenas que estavam sendo colonizados pelos europeus, eram pacifistas, vivendo em plena harmonia com os seus rivais, que habitavam as proximidades de suas comunidades ou tribos. Historicamente estamos cômicos

de que existiam muitas tribos de indígenas que após a vitória sobre o inimigo na guerra, os perdedores serviam de comida para os vencedores<sup>1</sup>.

Como pensar em uma sociedade menos violenta sem conhecermos nossas próprias raízes históricas de construção de nossa gente?

Precisamos sim, considerar então a existência da violência como característica humana, e também ponderarmos que sua conceituação é extremamente complexa.

Entretanto, o nosso propósito aqui não é discutir conceitualmente a violência, mas sim ponderar sobre alguns dos seus aspectos como fatos sociais, tentando possibilitar uma distinção entre lutas e a violência no contexto escolar.

Considerando esse aspecto, procuramos levar essas discussões para o espaço das aulas de Educação Física. A intenção era possibilitar a construção de reflexões pelos alunos, a partir da implementação, na Escola Estadual Tarcísio Maia do município de Pau dos Ferros-RN, dos projetos Projeto Capoeira e a Valorização Da Cultura Afro-brasileira; Projeto Lutas versus violência. No trabalho que aqui é colocado em relevo, apresentamos um recorte, no qual visamos discorrer como a ação do professor deve se materializar para permitir a formação de uma consciência reflexiva nos alunos.

## **METODOLOGIA**

Este artigo parte do processo de ação pedagógica do Subprojeto do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) de Educação Física da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN- Campus Avançado prof<sup>a</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia –CAMEAM – Pau dos Ferros – RN, que tem como temática a suplantação de uma prática tradicional de ensino na Educação Física escolar, baseando-se principalmente nos projetos produzidos e realizados no âmbito do *locus* escolar. A sua construção é a partir de perspectivas teóricas de autores como Paulo Freire (1996); Joaquim Barbosa (2000); José Carlos Libâneo (1994); Tomaz Tadeu da Silva (2007); Hemi Hess (2004); Miriam Abramovay *et. al* (2002), dentre outros.

Os Projetos: Capoeira e a Valorização Da Cultura Afro-brasileira e Lutas *versus* violência, foram realizados não somente com o objetivo de fazer com que os educandos conseguissem obter um saber fazer e saber criticar de forma ferrenha a vida cotidiana na sociedade, mas sim, saber e compreender que a relação da nossa vida cotidiana precisa ser

---

<sup>1</sup> Cf. Leandro Karnal : O ódio no Brasil *in* [www.cpfcultura.com.br](http://www.cpfcultura.com.br)

compreendida antes de tudo, para que depois assim possamos possibilitar as rupturas que considerarmos adequadas.

Consideramos de acordo com o pensamento de Bárbara Sicardi presente no livro de Autores-cidadãos: a sala de aula na perspectiva multirreferencial, organizado por Joaquim Barbosa (2000) uma compreensão que é preponderante para refletirmos com mais veemência e firmeza política sobre a nossa vida cotidiana. A autora aponta que ‘a vida cotidiana,

(...) antes de ser criticada, precisa ser compreendida e afirmada, pois é o lugar onde o indivíduo, usando de astúcia no confronto com a rigidez dos poderes instituídos, resiste de modo flexível, por meio do jogo duplo e da vontade de viver. Coincide, assim, com o todo espontâneo e não-institucional do social (SICARDI, 2000, p. 56).

Nesse sentido, ‘na prática pedagógica atuam e tornam a atuar, todos os dias, contradições possíveis e impossíveis de ultrapassar’ (*Idem*, p.56).

Uma perspectiva que consideramos possíveis de transcender é aquela da ideia fixa que comumente é incentivada em nossa sociedade de que somente o trabalho do professor é um trabalho pedagógico e educativo (BARBOSA, 2000, p.91).

Acreditamos, considerando a compreensão de Barbosa (2000) que a partir do momento que estabelecermos essa ruptura da forma de pensar o trabalho pedagógico e educativo, poderíamos assim também ficarmos cômicos de que existe um conflito de ideias opostas que uma vez por outra, acabam por negar a nossa capacidade de compreensão da realidade.

Barbosa (2000) vem nos dizer ainda, que se não pensarmos sobre a educação um pouco ‘além da sala de aula, ficamos sem responder a questão de quando um cidadão qualquer, no seu papel de pai, administrador etc., poderá desempenhar uma ação (com caráter) educativa em seu espaço de atuação’ (*Idem*, p.91).

Nessa perspectiva o pensamento de Barbosa (2000) comunga com Libâneo, onde este cita que o ‘processo educativo, onde quer que se dê, é sempre contextualizado social e politicamente (LIBÂNEO, 1994, p.18), ou seja, o ato do pai ou administrador, onde quer que aconteçam são afirmações políticas de ser, que são construídas histórica, social e culturalmente. Vale ressaltar, que consideramos aqui o aspecto cultural como ‘um conjunto de representações, maneiras de ser, de se comportar e de agir, que é comum a um grupo de indivíduos e adquirido historicamente (CAMPANER, 2012, p. 85).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em nosso cotidiano muitas vezes fazemos alusão a vários pressupostos de afirmação ou negação de ideologias, sejam elas ou não dominantes social, política e culturalmente em nossa sociedade. O que vale ressaltar é que por ventura essas na sua imensa e esmagadora maioria são eivadas com muitos aspectos alienadores e alienantes da vida em si e por si mesma, que, contudo não nos percebemos quanto a isto, pois é no âmbito do implícito do nosso pensamento que esses posicionamentos se configuram enquanto realidade latente.

Seja através de discursos, seja através de atitudes e valores, esses posicionamentos acabam por serem reflexos também no cotidiano da sala de aula, tanto na atitude do professor frente à sala de aula e tanto de seus alunos, quanto desses em relação a si mesmo.

O antropólogo social inglês Evans-Pritchard dizia que a ‘nossa estrutura psicológica é determinada culturalmente’ (2011, p. 45). Dentro dessa perspectiva apontada pelo autor, podemos considerar, que a partir do momento que passamos a ter a assunção de que nossa construção da estrutura psicológica é algo determinado pela nossa cultura, isso se refletiria, em um aumento do leque de possibilidades de discutir, refletir e compreender de forma mais clara, como funciona a construção da nossa forma de pensar, agir e si posicionar em sociedade. Se tornarmos, então, mais cômnicos de nós mesmos, aumentando expressivamente a nossa possibilidade de atuação na construção e reconstrução de nossos posicionamentos e caminhos a serem divagados. Nesse sentido passamos a si entendermos enquanto produto e produtor de nossas próprias valorações diante da sociedade da qual fazemos parte.

Portanto, somos produto no sentido literal do termo de um determinado meio, e nos enquadrados enquanto seres ‘objetivados’ neste.

Contudo, ressalta-se, que embora saibamos que nossa estrutura psicológica seja determinada culturalmente como destacou o antropólogo social Evans-Pritchard (2011), nós enquanto seres humanos históricos, e nos entendendo enquanto tal, podemos refutar algumas ditames impostos por nossa cultura, nosso meio familiar e escolar, e nesse sentido estabelecermos rupturas instituintes, como poderia dizer Remi Hess, ‘no sentido que é preciso ser capaz de recusar certos momentos herdados de nossos pais, do nosso meio de origem, de nossa cultura. É preciso criar novos’ (2004, p.34).

Hess acrescenta ainda, que uma personalidade autônoma é ‘compreender-se enquanto objetivado/subjetivado, passando assim a torna-se verdadeiramente sujeito de si, reconhecendo heranças culturais, aceitando alguns de seus componentes, mas também estabelecendo rupturas instituintes’ (*Idem*, p.34).

Dito isso, nos apegamos ao caráter iminentemente pedagógico da Educação Física escolar para discutir o conteúdo lutas enquanto possibilitador de um agir mais consciente e crítico do educando, frente sua própria realidade social.

Para tanto, é necessário destacar que esse caráter pedagógico é entendido aqui de acordo com Libâneo como sendo uma ‘ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana, através de objetivos e meios estabelecidos por critérios socialmente determinados e que indicam o tipo de homem a formar, para qual sociedade, com que propósitos’ (1994, p.25). Ou seja, o trabalho docente do professor de Educação Física nesse sentido considerando as assertivas de Libâneo (1994) não é algo que se dá à revelia, como se fosse destituído de interesses e intencionalidades.

Libâneo (1994) acrescenta ainda que ‘a prática educativa, portanto, é parte integrante da dinâmica das relações sociais, das formas de organização’ (*Idem*, p.21).

Ora, sendo assim cada posicionamento do professor frente sua realidade e realidade do educando é subsidiado por pressupostos de afirmações e negações que são construídos político, social e culturalmente através da dinâmica das relações sociais, mutáveis.

A partir do momento que o professor percebe que sua prática se desenvolve na dinâmica das relações sociais, esse pode vislumbrar que essas não são estáticas, pétreas e imutáveis, pois se desenvolvem no âmbito das relações humanas estabelecidas socialmente entre os homens e mulheres.

Dentre destes apontamentos, podemos considerar que o conteúdo lutas da Educação Física escolar pode propiciar a partir de uma prática pedagógica reflexiva uma ação mais consciente do por parte do educando em processo educativo.

Para que o professor consiga no espaço de intervenção da escola, na atualidade, trabalhar com o conteúdo lutas discutindo a sua distinção da violência é preciso que esse estabeleça traços e perfis sobre as considerações da importância do conteúdo que é objeto do currículo adotado em sala de aula.

Portanto, professor nesse sentido tem que ter bem claro em mente que tipo de ser humano que formar e pra que tipo de sociedade, como nas considerações apontadas por Tomaz Tadeu da Silva (2007).

Silva (2007) acrescenta ainda que é importante o entendimento e a assunção que o professor deve ter sobre o currículo. Na nossa compreensão, considerando as assertivas de Silva (2007) o currículo é sempre ‘o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir precisamente o currículo’ (*Idem*, p.15).

Nesse sentido, para deixarmos consistentes os posicionamentos aqui elencados sobre o conteúdo lutas, dentro de um aspecto eminentemente pedagógico e educativo do ser professor em formação, nos apegamos na definição dada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Física – Pcn's de 1997– onde consta que as 'lutas são disputas (...) em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), mediante técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa' (BRASIL, 1997, p.37).

Ressalta-se, que não consideramos em si no andamento das nossas aulas apenas os elementos do aprender e ou saber fazer, mas sim, consideramos de acordo Merleau-Ponty que 'é no próprio exercício da palavra que se aprende a compreender' (MERLEAU-PONTY *apud* KUNZ, 2004, p.42).

Dito isso, é necessário que nos façamos compreender, pois existem alguns aspectos que precisam ser esclarecidos, dentre esses, podemos mencionar que comumente tem-se a ideia que 'muita "conversa" limita as possibilidades ativas, de movimentos, dos alunos e que uma aula de Educação Física deve constituir essencialmente de movimentos (KUNZ, 2004, p.41).

Com essas considerações apontadas, tende-se a pensar e ou compreender que uma aula de Educação Física escolar se constituiria apenas por seus aspectos técnicos e táticos dos conteúdos a serem trabalhados e no caso específico aqui do conteúdo lutas não existiria nenhum processo reflexivo sobre a ação pedagógica realizada.

De acordo com Elenor Kuns (2004), podemos perceber que a fala em si dentro dessa perspectiva seria algo sem importância, descartável. Ledo engado esse, pois Kunz (2004) aponta que se 'identificarmos uma série de problemas sociais e culturas dessa prática, como podemos entendê-los e procurar possíveis soluções se não falarmos sobre eles?' (*Idem*, pp.41-42).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, considerando os apontamentos sobre a prática pedagógica do ser professor e seu processo formativo na Educação Física escolar, especificamente no tocante ao tratamento dado as lutas enquanto conteúdo pedagógico, que se faz pertinente em nossa compreensão considerar a existência inequívoca que os sentidos que 'produzimos também foram e são fabricados em lugares institucionais, como (...) a escola, dentre outras instituições do saber,

que vão fabricando verdades, as quais tendem para a produção de uma verdade e não de outra' (CÂMARA, 2014, p.53).

De acordo com as assertivas de Câmara (2014) a escola assim como muitas outras instituições do saber, tais como as igrejas, as casernas e quartéis proporcionam o que o autor vem chamar de 'reprodução de uma consciência normalizadora, funcionando como reprodutora de um padrão e de uma ordem social' (p.46).

Para rompermos com esse determinismo de uma consciência normalizadora como apontada por Câmara (2014) é preciso nos entender enquanto seres não pétreos, no sentido que é preciso ser capaz de recusar certos momentos herdados de nossos pais, do nosso meio de origem, de nossa cultura. É preciso criar novos' (HESS, 2004, p.34) assim também com o conteúdo lutas em ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília : UNESCO, BID, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

CÂMARA, Helder Cavalcante. **Educação física na escola: in(corpo)rando um olhar plural e complexo**. Mossoró-RN, 2014.

COTRIM, Gilberto. **História Global – História Geral – volume único**. 8. ed. São Paulo : Saraiva, 2005.

EVANS PRITCHARD, Edward. **Antropologia Social**. – (Perspectivas do homem; 3) Edward Evans Pritchard / Biblioteca Nacional de Portugal- Catalogação e Publicação, 2011.

HESS, Remi. **A teoria dos momentos contada aos estudantes / Educação & Linguagem**. Ano 7 . Nº 9 . 26-44, jan-jun. 2004.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2004.

LIBÂNIO, J. C. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. – 2. ed. 10 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.